



Recebe-se artigos e desenhos em carta dirigida à Redacção do CABRIÃO—no escriptorio da rua da Imperatriz n.º 20, onde assigna-se e vende-se este jornal.

N.º 4

**Publica-se
aos Domingos**

PARA A CAPITAL
Trimestre . . . 5\$000
Semestre . . . 8\$000
Anno 13\$000

PARA A PROVINCIA
Trimestre . . . 6\$000
Semestre . . . 9\$000
Anno 14\$000

Avulso 500 rs.



O *Cabrião* descobriu um meio facil de ir da raiz da serra á Santos, sem atravessar o mangue, e offerece-o á consideração dos engenheiros da estrada de ferro.

CABRIÃO

S. PAULO, 22 DE OUTUBRO DE 1866.

O *Cabrião* agradece o acolhimento generoso que ha recebido na capital e no interior da provincia.

Os distinctos cidadãos que lhe tem prestado sincero apoio, apezar das ameaças e das *excommunições* dos emperrados jesuitas, pódem contar com o seu nome escripto em letras de ouro, no *Pantheon*, que o *Cabrião* pretende erigir em honra dos homens livres, e dos amigos do Povo, da Justiça, do Direito, da Moral e da Religião.

O *Cabrião* está certo de que, com tal apoio, póde fazer um grande serviço á provincia, arrostando a guerra surda e terrivel, que lhe fazem aquelles futuros *queimadores de gente*, abrindo os olhos aos que ainda não conhecem taes *bichinhos*, e arrancando a mascara aos especuladores, que vendem os direitos sagrados do povo ás taes referidas serpentes, por um prato de lentilhas.

O *Cabrião* (salva a modestia) é um lampeão, um pharól, um luzeiro destinado á alumiar e mostrar ao povo, o trabalho subterraneo de taes *freguezes*, que minam a sociedade em todos os sentidos, aproveitando-se das trevas, por elles levantadas em de redor de si, para não serem presentidos.

Gazetilha

RECLAMAÇÃO.—O redactor da *Revista Commercial* dando noticia do apparecimento do *Cabrião*, qualifica-o de *jornalzinho*, assim á maneira de um gigante que mal enxerga o pigmeu que lhe passa por baixo das pernas.

E' boa! Quem souber do caso ha de acreditar que a *Revista* é maior que o *Times*, ou que o *Cabrião* é pequenino como um rotulo de garrafa.

Não, senhor; á Cezar, o que é de Cezar. Confronte o estimavel collega da *Revista* os dous *jornaesinhos*, faça um judicioso *cotejo* entre ambos, e verá que á respeito de tamanho, um não poderá rir-se do outro.

ESPINGARDAS DE AGULHA.—Dizem que mandou-se vir da Europa 40,000 espingardas prussianas, para que as proximas lutas eleitoraes

nesta próvincia, sejam mais decisivas e rapidas, evitando-se por esse modo a desastrosa carnificina dos prolongados e sempre indecisos combates á *cacete*.

UM DRAMA APOSENTADO.—Resussitou no *Theatro de S. José* a defuncta *Graça de Deos*, peça que já teve sua *graça* em outro tempo, mas que, por muito repetida, váe-se tornando *desengraçada*.

Não ha *graça* alguma, em obrigar o publico á decorar dramas, que embora chrismados com a *graça* de Deos, já perderam á muito a *graça* dos espectadores, que não vão ao theatro de *graça*.

CONCORDIA PAULISTANA.—Esta matrona está adquirindo novas forças, graças á pericia do Esculapio que a assiste. Na noite de 13 foi vista trajando galas, n'um dos mais bellos salões da capital, adornado de flôres e resplendente de luzes.

ARTHUR NAPOLEÃO.—O *Cabrião* como artista que é, assistiu o primeiro concerto dado por Arthur Napoleão, e deo palmas ao inspirado pianista do *Velho Mundo*. Foi bello de vêr-se o comportamento da platéa de S. Paulo, em frente do grande artista.

Não lhe faltaram palmas, bravos, flôres e poesias.

Moniz Barreto foi tãobem applaudido com verdadeiro enthusiasmo. Fez-se-lhe justiça.

VINAGREIRA.—Não houve quem não reparasse no scenario que a empreza do theatro forneceu para o concerto de Arthur Napoleão. A' pretexto de representar-se uma ou duas comedias repetidas, já decoradas e mal sabidas, mimoseou-se o artista portuguez com uma sala suja, mesquinha, sem mobilia e até indecente! O artista nem teve onde pôr os *bouquets*! E' muita vinagreira!

BACALHA'O ASSADO.—Consta que o grande bacalhão da *Romã Encantada*, que na representação de domingo assou-se miseravelmente, tem sido vendido no armazem do empresario de São José, aos pobres caipiras, que o tem levado como o *non plus ultra* dos bacalhãos.

Honra e gloria ao genio que de tudo sabe tirar proveito.

Sabe-se á ultima hora que a *Romã Encantada*

será retirada da scena, pois até hoje não foi encontrado novo bacalhão para o desempenho daquelle papel.

Em vista desta noticia é de crêr que o bacalhão desappareça do mercado, com grave prejuizo dos dias de jejum. E esta!

O jesuita-mulher

Os modernos jesuitas empregam meios novíssimos e curiosos no empenho de dominar o espirito do seculo, reorganisar seu poderio sacerdotal e collocal-o no mesmo pé em que achava-se nos tempos dos *sagrados e salutareos autos-de-fé*.

Antropophagos das sociedades modernas, sinistras mariposas que pretendem apagar as luzes da civilisação, para que possam caminhar sem obstaculos nas trevas da ignorancia e da superstição popular, seu fito mais importante é fazer esquecer ao povo as antigas barbaridades que praticavam nos tempos em que traziam debaixo do braço os reis, os bispos, os cardeaes e o proprio pápa.

Serpentes astutas, elles trazem a mascara da religião, esgueiram-se por todas as fendas do corpo social, e, novos *Proteos*, vestem todas as fórmãs, humilham-se ante todas as potencias sociaes, e apparentam as virtudes mais santas da moral, da religião, e dos costumes sociaes.

A caridade, a misericordia, a compaixão, e o amor dos pobres, dos enfermos, dos encarcerados, são outras tantas vestes hypocritas com que procuram esconder aos olhos do povo a crosta escamoza de seu dorso de serpente. Não satisfeitos de dominar os credulos por meio do confissionario e dos seminarios, lembraram-se de trabalhar na obra da transformação social, debaixo de um aspecto insuspeito, attrahente, sympathico e fascinador, pondo á seu serviço as *Irmãs de caridade*, as *Irmãs de S. José* e quejandas, preparando-as previamente como doces instrumentos de suas tenebrosas doutrinas, e subordinando á ordem central do jesuitismo, essas, e outras ordens femininas.

Debaixo deste ponto de vista, a Irmã de caridade, a Irmã de S. José, ou a Irmã de S. Fulano, ou S. Sicrano, é sem appellação nem agravo, um *jesuita-mulher*.

Entidade amphibia, tem da mulher os instinctos naturaes, as paixões innatas e que nun-

ca morrem, e a fórmula corporea: tem do jesuita os preceitos da ordem, a hypocrisia, a dissimulação, a mascara da religião, da castidade, da caridade, e de todas as virtudes humanas que lhes pódem servir de chave para abrir as portas de todas as habitações, entrar no recinto de todos os segredos domesticos, e assim derramar, á seu salvo, o veneno da corrupção jesuitica por todos os recantos sociaes.

Os cachaçados marmanjos tiveram uma lembrança feliz!

Como fez o Adão do paraizo, pediram á sua divindade uma companheira, e a sua divindade (*a Santa Astucia*) deu-lhes a Irmã de São José!

Onde quer que haja seis ou sete *Irmãs*, isto é, seis ou sete vazos de castidade condensada, ha sempre um lazarista que as vigia, que as prende como se fôra um élo á ordem central do jesuitismo, e as conduz pela mão no caminho da grande obra, exercendo ao mesmo tempo ao pé dellas, o encargo de capellão, confessor, conselheiro, etc., etc.

As mais das vezes ignorantes, quasi analfabetas, apenas galvanizadas pela educação jesuitica, são espalhadas em pequenos grupos pelas povoações para exercer o cargo melindroso de preceptoras.

Fundam assim collegios de meninas, e debaixo deste aspecto são denominadas pelos credulos e pelos especuladores—*machinas de fazer mães de familia*.

Machinas de fazer mulheres-authomatos, sei eu que ellas são. Não contentam-se em innocular no espirito das miserables creanças que lhes são entregues, os principios da moral sã e do puro catholicismo. Ensinam-lhes, não á amar, porém á ter medo de Deos; obrigam-nas á pensar e querer, unicamente pelas palavras de seu exigente confessor; iniciam-nas nos tenebrosos interrogatorios do confissionario desde a idade de sete annos; industriam-nas na arte de enganar seus pais e suas familias—*quando isto seja necessario para maior gloria de Deos*; e por este modo, matam-lhes na alma todos os sentimentos bons e santos da natureza, para fazel-as filhas hypocritas; esposas beatas, ignorantes, reservadas, sempre promptas á ter entre ellas e seus maridos — um santo confessor; e mães supersticiosas, sem amor, e capazes de vender um filho aos lazarfstas, por uma duzia de bentinhos.



Cabrião:—Então meu doutor que tem? Está tão triste?
Doutor:—Que queres, Cabrião; indigitam-me como au-
thor dos teus dias e amolam-me a paciência.
Cabrião:—Socege doutorzinho, lembre-se do prover-
bio:— Uns comem os figos, outros rebenta-lhe a bocca.

Uma doze de jalapa.



Expedição para Matto-Grosso.



Basta, basta, minhas senhoras; não me amarrotem. Creiam que debiquei sómente os penteados, e não á V.^{as} Exc.^{as}, de quem sou affeioadissimo.



O Cabrião condemna o Pipelet á dar um passeio pelas ruas de Santos, por ter-se apresentado no estado primitivo, conforme a doutrina do Livro do Democrata.



Consequencias do passeio de Pipelet.

A Romã Encantada

No domingo á tarde a minha fortuna—era duas patacas:—640 rs.

640 rs. em qualquer epocha, não tinha significação monetaria; hoje 640 é o principio de um capitalista. O dinheiro encareceo com a superabundancia do jesuitismo. Mas aquellas trinta e duas rodellas de cobre, faziam-me pezo nas algibeiras e era preciso consummil-as em qualquer cousa. A noite tinha chegado e as pernas haviam-me conduzido o corpo ao largo de S. Gonçalo.

Por alli, diversos grupos practicavam ácerca da *Romã Encantada*, obra aceiada e monumental que os preclaros empresarios do theatro do Santo meu chará, puzeram em scena á custa de gastos fabulosos e *tramoias* nunca vistas.

O zum-zum do povo, o congresso de quitandeiras á roda dos carros, tudo me annunciava que, dentro daquelle emporio de tijollo, ia apresentar-se uma maravilha estupenda.

—Eis aqui, disse eu, um meio honesto de desfazer-me de 500 rs.

Dirigi-me ao bilheteiro, e tomei um lugar para as eminencias do theatro.

Eu gosto sempre de ficar por cima, e por isso a varanda é o meu lugar commum.

Restou-me 140 rs., quantia que reduzi á queimados, pé de moleque e amendoim, cousas muito queridas á meu paladar.

Em quanto a musica tocou uma *abertura*, estive no corredor tirando duas fumaças, e assim que ouvi o apito do ponto, tomei o meu lugar e não tirei mais os olhos da *caixa* do theatro.

Assim que subiu o panno, appareceo e retirou-se logo uma pandega de *melquetrefes* á cantarolar umas prosas, que diziam todos ser muito bonitas. Entre elles havia um sugeito de paletot vermelho, que pôz-se á cavar em secco no sobrado. Após elle, apparece um vestido com roupas pintadas de canutilho de prata, e esconde-se em casa do tal de roupa vermelha; mais depois apparece ainda um alferes e alguns policias de capacete e chuço, e ha entre elles uma *tramoia* feia.

Afinal sahe d'um buraco um fidalgo, que faz apparecer uma romeira com romãs de ouro, e dá ao cavador uma, e mais um raminho, e depois começam outras *tramoias*.

O Vasques, assim á maneira de içá, feito preta mina, sahe do chão, e abraça o Henrique que é porteiro de uma porta que se não vê

mais. Depois vem um bacalháo com cabeça, vivo e com olho de lampeão, engole o Eloy e vão desoval-o lá em outras terras.

Tudo isto é motivado por um principe, que quer por força casar com uma *chorona*, e outro borracho que táobem quer, e ha por causa disso muita cousa grande.

Ha um lugar em que tem uma pedra, depois vira em casa, e depois nem pedra, nem casa. Ahi o Eloy volta macaco, o Henrique fica corcunda. Já antes os policias tinham ficado pequeninos. E no meio de toda esta *tramoia*, vêm-se dois *monos grandes*, de casaca vermelha e uns páos enormes na mão, á fazer passeios, muito serios, os quaes entram e sahem, e não dizem á que vem.

Toda esta gente, uma vez falla, outra canta, ri ou chora, é uma cousa não vista ainda. Uma historia bonita mesmo, é quando a menina Balbina (que já foi irmão do Colombo, no descobrimento da America), atravessa n'um carro tirado por dous *patões* grandes e brancos, como não vi ainda iguaes.

Tambem o Eloy anda pelos ares á *cavallo* n'um peixe de rabo torcido, obra muito bonita. Depois de se ter passado muita obra aceiada, chega-se ao fim e ahi é que são ellas.

Apparece uma praça toda coberta de estatuas de papelão, e vem o fidalgo das *Romãs*, que é o maganão do Chico, e dá lá uns signaes, e zás, tudo aquillo vira de bordo, e ficam outras figuras—que dizem ser as almas dos penates.

Ahi sóbe um panno ao fundo e vê-se uma igrejinha, toda rubis e pedras, sem altares, nem santos; e celebra-se um casamento, sendo os contrahentes, o Augusto Filho e a Balbina.

Ardem então uns fogos de côr, cahe o panno e acaba-se a cousa.

Affianço-lhes que tudo aquillo é obra muito fina, e muito para vêr-se.

E' pena que me custasse 500 rs.!

Os Filantes

Bem sei que já se tem escripto muito sobre os filantes, porém a materia não se esgotou. Foi chover no molhado.

A ultima palavra está por dizer, e muito tem que chover e ventar, antes que isso aconteça.

Peior que a peste em Jafa, os gafanhotos no

Egypto e os jesuitas em S. Paulo, os filantes se multiplicam espantosamente.

Ha o filante de jantares, o filante de charutos e cigarros, o filante de camarotes, o filante de cerveja no verão, de cognac no inverno, o filante de livros, o filante de jornaes, e mais um milheiro de filantes de diversas cousas.

Todo o filante tem uma cara de *sum, es, fui*, um modo todo especial, de sorte á illudir completamente os incautos.

A pulga chupa o sangue, o filante chupa as algibeiras.

O amolador nos atordôa, o filante nos tortura.

De todos os filantes o mais filante, é o que fila o jornal para não assignar, e antes que o visinho o tenha lido, leva-o para descarçoal-o da primeira á ultima pagina.

Não ha rosto carregado, ironia pungente, não redondo ou quadrado que faça recuar um filante.

«Raça maldicta de cruéis gauderios,
Podesse uma só não contel-os todos;
E o piloto fosse eu ! »

Condemnado á filar, o filante prepara-se e fila a victima de tal modo e com tal arte, que não ha escapar-lhe.

Se os filantes podessem filar a lua, ha muito que ella não existiria.

Anathema contra os filantes! Fóra os gauderios!

Querem lêr, assignem; ora, é bôa! Gostam de fumar, comprem cigarro; querem ir ao theatro, *expliquem-se* com o bilheteiro; gostam de cerveja, vão ao *Leão*; preferem cognac dirijam-se á *Lorette*; mas, por Deos, ou pelas tripas da fradaria, não *cabrionem* a paciencia do proximo.

Raça de rôedores, ratazanas de dous pés, rôam o que é seu, mas deixem os mais em paz; porque dia virá em que serão também rôidos.



Uma idéa

Ninguem calcula os apuros em que se vê um mortal, quando precisa uma idéa para qualquer fim, e a maldicta põe-se com luxo, e nada de apparecer.

Vão perguntar ao artista, ao poeta, ao jornalista e á todos esses desventurados que andam á procura de uma idéa, para pintal-a, para can-

ta-la, para descrevel-a ou mesmo para destripal-a, e verão o seu alcance.

Uma idéa vale o *fiat lux*, é a sorte grande na loteria, é a chave que abre a porta da felicidade.

Só não comprehende o que é uma idéa, quem nunca se viu obrigado á pegar na penna para divertir o publico, que paga para ser divertido.

O poeta por mais que bata na testa e queira comer a lua com os olhos, se não tem uma idéa, uma inspiração, apenas consegue fazer algum verso de muleta ou soffrendo de rheumatismo.

O jornalista dobra o papel, molha a penna e dispõe-se á escrever; mas escrever o que, se não ha uma idéa?! Entretanto, como é de estylo dizer sempre alguma cousa, lá solta uma metralhada de sandices, que põe os leitores em debandada.

O pintor toma a palheta, molha o pincel e dá os primeiros traços, mas quando suppõe ter retratado o freguez, tem apenas feito uma caricatura, uma figura de realço.

O folhetinista enfia os olhos pela semana, acha tudo monotono. Mas como é preciso dar o folhetim, eil-o á *cabrionar* os pobres leitores, com a historia de um gato ou a nechrologia de um cão.

E ha quem inveje a sorte do poeta, do jornalista, do pintor e do folhetinista!

O poeta sem musa, é uma gaita de folles ou uma viola destemperada.

O jornalista sem idéa, é um relógio sem corda ou um sino sem badalo.

O pintor sem inspiração, é como um sabbado sem sol ou um dia de jejum.

O folhetinista sem assumpto, é o *El Supremo* de quanto amolador existe na superficie do globo.

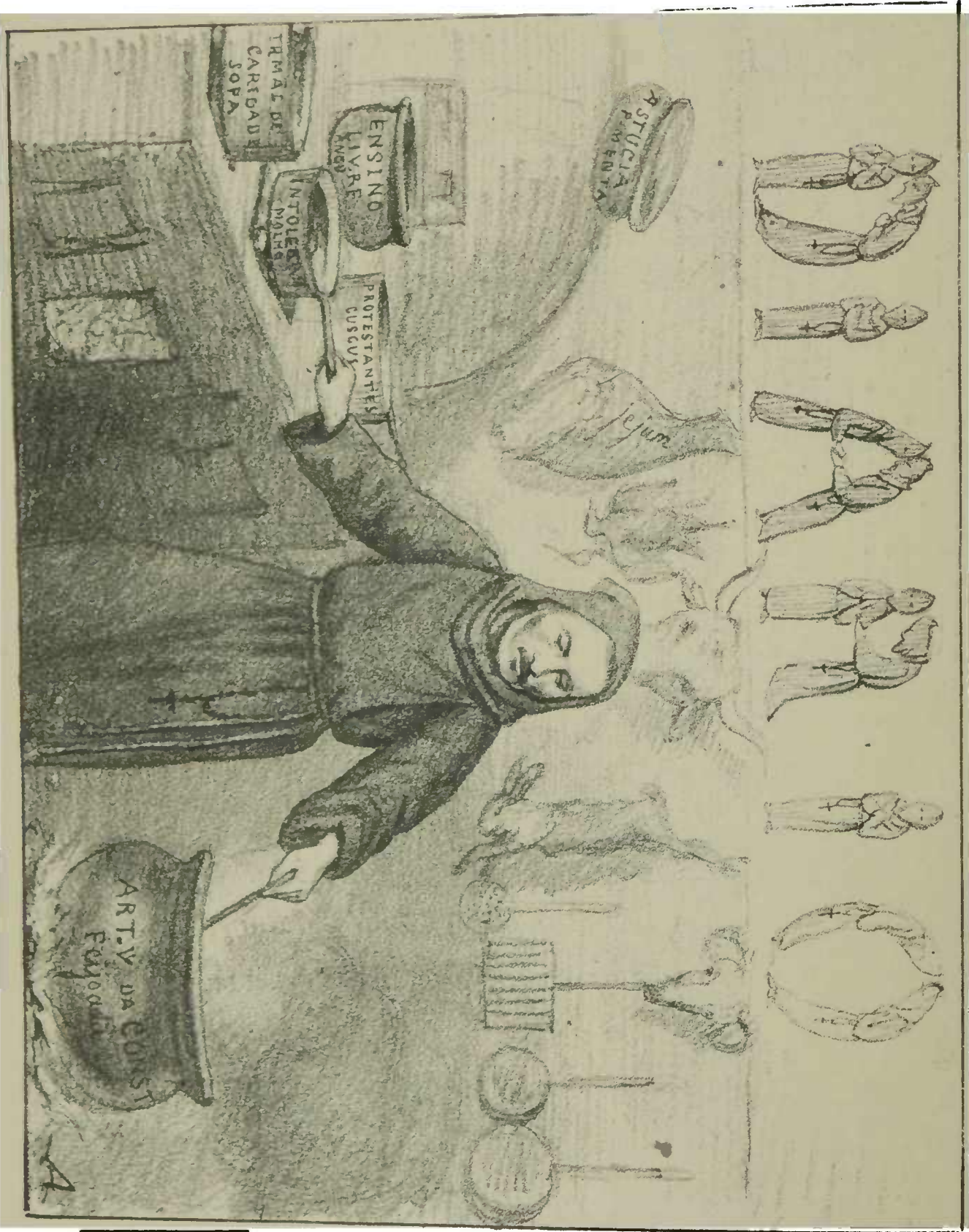
Uma idéa é uma grande cousa, e muitas vezes produz cousas grandes, como esta que aqui fica.

Concerto

Arthur Napoleão deu o seu segundo concerto no dia 18. O publico extasiou-se ante o moço inspirado, que fallou-nos do coração com essa linguagem do céo.

A academia de S. Paulo, representada pelo intelligente academico Martinho Prado, offertou-lhe uma medalha de ouro.

Honra ao artista portuguez, honra á mocidade brasileira.



O redactor chefe no exercicio de suas funções.